

## **DÍVIDA, MIOPIA E O PLANO MIYAZAWA**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*IstoÉ-Senhor, 27.6.88*

O principal obstáculo para uma solução do mais grave problema da economia brasileira - o problema da dívida externa - não é a resistência dos países credores em conceder um desconto para essa dívida, e sim a desinformação, a miopia e a timidez das elites econômicas brasileiras, que insistem em aceitar um tipo de negociação convencional para essa dívida, ou seja, que admitem pagar todos os juros sobre a dívida desde que recebam algum financiamento.

A negociação convencional da dívida - a estratégia de financiamento e ajustamento à qual o Brasil voltou a se curvar na última semana - é chamada depreciativamente nos países credores de "muddling through" (empurrar com a barriga), porque os países credores sabem perfeitamente que não resolverá o problema de uma dívida que se tornou alta demais para ser paga. Dada essa constatação o único objetivo dos bancos é adiar a solução do problema, "muddle through", pouco se importando que isto signifique estagnação econômica nos países devedores: a renda per capita do Brasil está estagnada desde 1980, a da América Latina, desde 1976 - o único fato histórico novo comum aos países latino-americanos, e que pode portanto explicar essa estagnação, é uma enorme dívida externa contraída nos anos 70.

Nos países credores este fato é amplamente sabido. Nesses países estão surgindo com enorme frequência propostas vindas de economistas, de políticos, de autoridades econômicas e dos próprios bancos visando encontrar uma solução a longo prazo para a dívida através da concessão de um desconto para os países devedores. Mas elites econômicas brasileiras - elites empresariais e autoridades econômicas governamentais - continuam desinformadas e submissas aos interesses de curto prazo dos bancos.

O tipo de negociação que o Brasil acaba de concluir é uma boa indicação desta atitude das elites econômicas brasileiras. O artigo que Ernane Galveas escreveu na Folha de S. Paulo, no último dia 22 é outro exemplo perfeito dessa atitude. Nesse artigo Galveas chama de "malandragem" a proposta de securitização - ou seja, de transformação da atual dívida em títulos (securities) com um desconto compensado

por garantias adicionais - que o Brasil fez de forma pioneira em 1987. Essa proposta, feita em setembro do ano passado, foi a primeira proposta feita oficialmente por um país devedor ou credor para obter uma redução da dívida através do aproveitamento do desconto que já existe no mercado financeiro internacional. Essa proposta recebeu atenção universal. Foi incorporada (naturalmente de forma cautelosa), como uma das possíveis soluções para a dívida, no Comunicado do Comitê Interino do FMI e no discurso do Ministro James Baker nessa mesma reunião do FMI.

Para tornar mais fora do tempo e do lugar a posição que Ernane Galveas expressa em seu artigo, no mesmo dia em que seu artigo era publicado a própria Folha trazia uma notícia sobre a reunião de cúpula do G-7 em Toronto, na qual o primeiro-ministro japonês Miyazawa apresentou o Plano Miyazawa, que "prevê a criação de um fundo no FMI para funcionar como garantia do processo de conversão de uma parte da dívida externa em títulos negociáveis (securitização)". O grave, entretanto, é que é a posição de Galveas que hoje prevalece no Brasil, uma posição que foi caracterizada depreciativamente nos Estados Unidos como equivalendo a uma rendição ("surrender").

Em um próximo artigo discutirei as razões para tanta desinformação e miopia das elites brasileiras.